

**1^{as}. Jornadas
Arqueológicas
e do Património
da Corda Ribeirinha Sul**



actas

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

2000

A PONTA DA PASSADEIRA E A DIVERSIDADE DO REGISTO ARQUEOLÓGICO DOS IV/III MILÉNIOS A. C.

Joaquina Soares*

Resumo

A Ponta da Passadeira (Barreiro) foi ocupada, pela primeira vez, durante o Paleolítico médio. A cultura material desta fase, que não será por agora abordada, mostra claras afinidades com a da jazida arqueológica da Conceição (Alcochete), datada de cerca de 30 000 anos. A segunda fase de ocupação da Ponta da Passadeira ocorreu entre os finais do IV e a primeira metade do III milénios antes de Cristo, ou seja, nos finais do Neolítico e no Calcolítico inicial. Este povoado pré-histórico, com cerca de 5000 anos, dá-nos conta de adaptações das sociedades humanas a meios ribeirinhos e introduz a problemática da diversidade de modos de vida no Calcolítico da Península de Setúbal e do Sudoeste Peninsular.

As escavações arqueológicas realizadas entre 1995 e 1999, sob a direcção da signatária, integram-se em um projecto de investigação de âmbito regional (ARA) desenvolvido pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, e contaram com a participação da Câmara Municipal do Barreiro e do Instituto Português de Arqueologia.

Introdução

O povoado da Ponta da Passadeira, identificado por António Gonzalez em 1995, foi objecto da primeira intervenção arqueológica nesse mesmo ano. Tratou-se de uma escavação de emergência motivada pelo facto da erosão fluvial estar a desmontar intensamente os níveis arqueológicos. A segunda campanha de escavações realizou-se em 1998, integrada em um projecto de

* Directora do Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

investigação¹, de escala regional, coordenado pela signatária – “Povoamento e arqueologia da paisagem durante a Pré-história recente e a Proto-história no sector oriental da Arrábida” – e desenvolvido pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, com a participação do Instituto Português de Arqueologia, Câmara Municipal do Barreiro e Parque Natural da Arrábida. A inclusão do *habitat* ribeirinho da Ponta da Passadeira (Fig.1) naquele projecto abriu uma estimulante frente de investigação sobre as adaptações económico-culturais a meios biofísicos específicos e sobre a diversidade do registo arqueológico nos finais do IV e primeira metade do III milénios cal BC.

Com efeito, a cultura material, a organização do espaço intra-habitat e o tipo de articulação do estabelecimento da Ponta da Passadeira com a paisagem envolvente fornecem-nos a imagem de um povoado neolítico. Porém, a sua cronologia corresponde aos alvares do Calcolítico. Apesar desta cronologia, dificilmente poderíamos incluir o sítio da Ponta da Passadeira no modo de produção do Calcolítico da Estremadura, tal como o temos vindo a caracterizar (Soares e Tavares da Silva, 1998).

Este povoado põs em evidência a diversidade de sistemas económicos adentro do Calcolítico, predominando, no caso vertente, a componente continuidade (Neolítico final) face às situações, até agora melhor conhecidas, dominadas pela componente mudança ou, mesmo, ruptura cultural (fortificações calcolíticas).

Com efeito, na região de Setúbal evidenciam-se, durante o Calcolítico inicial, dois subsistemas económicos bem distintos: um agro-marítimo, que ocorre na fimbria estuarina de ambos os rios que limitam a Península e se

¹ A investigação arqueológica em curso na Ponta da Passadeira é desenvolvida de forma pluridisciplinar. Da equipa, coordenada pela signatária, fazem parte, para os estudos de geomorfologia litoral, Maria da Conceição Freitas e César Andrade (Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa); os estudos antracológicos estão a ser realizados por Ernestina Badal (Faculdade de Geografia e História da Universidade de Valência); a análise da fauna malacológica ficará a cargo de Carlos Marques da Silva (Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa) e o estudo dos vertebrados será realizado por Miguel Telles Antunes (Faculdade de Ciência e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa). A cerâmica, sem dúvida o espólio mais importante da jazida, será estudado por Carlos Tavares da Silva (Centro de Estudos Arqueológicos do MAEDS). Nos trabalhos de campo, deve ser destacada a colaboração de António Júlio Costa (MAEDS). O desenho arqueológico é executado por Jorge Costa (MAEDS). O tratamento dos materiais (lavagem, inventário, restauro) tem sido desenvolvido por Paula Palmeira e Maria João Cândido (MAEDS); as análises sedimentológicas, por Alexandra Isabel Neves Amorim (Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa).

encontra bem representado pela Ponta da Passadeira, na margem do Tejo, e pelo Possanco (Comporta), no Sado; outro, agro-pecuário, que abrange a maior parte daquela mesopotâmia e se encontra representado sobretudo pelos sítios de Chibanes, Pedrão Rotura e castro de Sesimbra (Tavares da Silva e Soares, 1986). É nosso objectivo vir a isolar e a definir estas duas realidades arqueológicas que extravasam, como veremos, a Península de Setúbal.

Localização

O povoado pré-histórico da Ponta da Passadeira localiza-se sobre uma restinga arenosa da margem sul da desembocadura do esteiro da Moita, no médio estuário do Tejo. A montante da restinga (sul), em situação de abrigo, formou-se um sapal, parcialmente ocupado por salinas. A norte, a restinga confina com um raso de maré assente sobre plataforma de abrasão, formada por arenitos mal consolidados do Plio-pleistocénico. Os vestígios do povoado pré-histórico situam-se na extremidade NE da restinga. Esta inclui formações dunares, actualmente muito desmanteladas, com a cota máxima de 5.9 m. A restinga encontra-se representada nas folhas 431, 432, 442 e 443 da Carta Militar de Portugal, na escala de 1/25 000.

O sítio arqueológico instalou-se sobre uma estrutura geomorfológica muito dinâmica. As apreciáveis alterações que a mesma sofreu nos últimos vinte e seis anos, responsáveis pela destruição de grande parte da jazida arqueológica, puderam ser cartograficamente documentadas.

Como base de assentamento para o povoado, foram escolhidas as areias de praia e evitadas, deliberadamente, formações argilosas de um paleossapal, de que são visíveis, na praia actual, alguns afloramentos.

Em termos administrativos, o sítio arqueológico pertence à freguesia do Lavradio, concelho do Barreiro, distrito de Setúbal.

Os trabalhos arqueológicos incidiram sobre a frente ribeirinha, no troço em que as camadas arqueológicas estavam a ser afectadas pela erosão fluvial. Este processo erosivo intensificou-se a partir de 1973, aquando da construção de extensos aterros industriais para a instalação da Fisipe. Tais

aterros viriam a destruir totalmente o coberto florestal da área e a determinar profundas alterações na linha de costa, em resultado do desvio que imprimiram à corrente de deriva litoral, com consequentes reflexos no balanço sedimentar. Não só a informação cartográfica, mas também o levantamento topográfico de raízes existentes na zona intertidal mostraram que a Ponta da Passadeira seria consideravelmente mais extensa na direcção do quadrante norte.

Estratigrafia

Observou-se a seguinte estratigrafia geral (de cima para baixo) (Fig.2):

C.1 – Duna móvel, muito mal conservada. Espessura máxima na área escavada, *ca.* 1,60m. É constituída por areia branca, fina a média, moderadamente calibrada, com 0,3% de finos, sem Ca CO_3 , nem matéria orgânica. Arqueologicamente estéril.

C.2 – A sua espessura varia, em geral, entre 0.17m e 0.37m, mas pode atingir 0,75m. É formada por areia argilosa de cor pardacenta, com baixa frequência de finos (17-19%); a fracção arenosa é constituída na sua maior parte por quartzo (91-93%). O teor de carbonatos varia entre 3 e 4%; a matéria orgânica varia entre 1 e 2%. A C.2 pode ter-se formado a expensas da camada inferior, mas também a partir de aportações eólicas. Escurece, gradualmente, em profundidade. Baixa frequência de materiais arqueológicos, em geral rolados.

C.3 – A espessura varia entre 0.03 e 0.50m. Distingue-se da C.2 e da C.4 pela sua cor castanho-escura. Possui textura areno-argilosa de grão fino a médio (< 1mm), bem calibrada, podendo, no entanto, surgir grãos de quartzo rolados com 5 mm de diâmetro. O teor de Ca CO_3 é de cerca de 5% e a frequência de matéria orgânica, *ca.* 2%. Possui maior percentagem de finos (22 a 27%) que a C.2, sendo,

pois, mais compacta. O limite superior, nem sempre fácil de traçar, é horizontal ou sub-horizontal; o limite inferior mostra-se bastante irregular, apresentando, com frequência, fossas escavadas na C. 4. Atribuímos a cor escura característica desta camada ao seu enriquecimento em matéria orgânica, resultante dos numerosos depósitos de lixo doméstico que a integram. As sub-camadas artificiais revelaram-se aqui de algum interesse. A parte superior (primeiros 10 cm) forneceu cerâmica pré-histórica rolada, em pequenos fragmentos, e alguns materiais recentes, não rolados, que parecem remontar ao séc. XVI (ceitel e bordo de prato de pescado em "louça vermelha"). Na plena C.3 recolheu-se cerâmica exclusivamente pré-histórica, rara indústria lítica e restos faunísticos, em geral organizados em estruturas de rejeição. A proliferação de lixeiras parece mostrar que a área escavada corresponderia à periferia do povoado.

C.4 – A espessura varia entre 0.17 e 0.80m (fornos). Areia argilosa de cor castanho-média, castanho-amarelada e castanho-pálida, de grão fino a médio (<1mm), bem calibrada, podendo apresentar significativas variações laterais. Exceptuando os fornos, a frequência de finos varia entre 14% e 23%. O teor de carbonatos varia entre 5 e 12% e a matéria orgânica, entre 0,5 e 0,9%. Trata-se de uma camada sub-horizontal que assentou sobre areias de praia. A subdivisão em camadas artificiais revelou-se de grande utilidade, pois permitiu isolar duas gerações de entulheiras de fornos de cozer cerâmica. A C.4 constituiu-se, essencialmente, a expensas do substrato (C.5), com importantes contribuições de argila transportada e transformada localmente por via antrópica: construção de fornos de cozer cerâmica, desmantelamento das cúpulas dos mesmos, acumulação de entulheiras com os subprodutos da actividade da olaria. Os vestígios da acção do

² O processo de vitrificação da sílica supõe elevadas temperaturas. Cf. a propósito desta problemática, Abrunhosa *et al.*, 1995. Da actividade de combustão, certamente intensa, ocorrida na Ponta da Passadeira, não se conservaram apreciáveis acumulações de cinzas; os carvões são raros e de pequenas dimensões, facto que pode ser explicado pela lixiviação, favorecida pelo carácter arenoso dos sedimentos.

fogo estão bem patentes na rubefacção dos sedimentos, na cozedura da argila utilizada nas estruturas e ainda na vitrificação de grãos de areia². Os restos faunísticos surgem de forma mais dispersa que na C.3, constituindo, raramente, pequenas bolsas de conchas ou integrando as entulheiras dos fornos. Esta camada, muito embora de matriz genericamente areno-argilosa, mostra variações laterais. Algumas áreas forneceram elevadas densidades de fragmentos de recipientes cerâmicos organizados em entulheiras. Em torno de fornos cuja actividade parece ter sido mais intensa (Qs. F2-F3 e G1-G3 do Sector 55), observou-se uma formação sedimentar, provavelmente resultante da desmontagem das cúpulas daqueles, com pouco espólio e constituída por areia argilosa castanho-avermelhada, endurecida por acção térmica, com nódulos de barro cozido e pequenos agregados de sílica vitrificada.

Todos os fornos até agora identificados pertencem à C.4 e a sua infra-estrutura mergulha, mais ou menos profundamente, na C.5. As análises sedimentológicas dos materiais que os constituem revelaram que a superestrutura dos mesmos (vestígios de cúpulas e de câmaras de combustão) apresentam texturas areno-argilosas, com comportamento plástico, muito embora a frequência de finos não seja muito elevada (27-38%). O teor de carbonatos varia entre 6,3 e 7,5% e a matéria orgânica, em torno de 2%. As cores são castanho-amarelada e castanho-acinzentada.

As infra-estruturas dos fornos, sem acção térmica, enterradas em fossas escavadas nas areias fluviais da C.5, apresentam textura vaso-arenosa, com 55-59% de finos. A frequência de Ca CO_3 varia entre 3 e 8% e a de matéria orgânica, entre 0,5 e 0,6%. Domina a cor cinzenta: cinzento-azeitona clara; cinzenta clara e cinzento-acastanhada clara. É muito provável que a matéria-prima utilizada na construção dos fornos tivesse sido extraída do paleossapal coevo, embora a textura deste tenha revelado cerca de 95-99% de finos.

C.5— Espessura máxima de 0,65m. Areias fluviais, médias, heterogranulares, com alguns grãos de quartzo até 2cm. Os finos variam entre 6% e 8%; os carbonatos apresentam cerca de 0,9% e a matéria orgânica varia entre 0,1% e 0,2%. A cor é amarelada clara e castanho-amarelada clara. A parte superior desta camada apresentava, em uma espessura de 0.10-0.15m, alguns materiais provenientes da C.4, infiltrados por pisoteamento e, como tal, foi escavada em toda a extensão. Aprofundou-se, em áreas muito restritas, na C.5, tendo-se atingido a espessura máxima de 0.65m. Esta camada forneceu alguns materiais do Paleolítico médio, muito semelhantes aos do sítio da Conceição (Alcochete); eram raros nos primeiros 0.35m, surgindo em maior número nos 0.15m seguintes, quando a C.5 adquire uma cor mais alaranjada, em resultado da presença de concreções ferruginosas. A ocupação humana do Paleolítico não será aqui apresentada.

C.6— Espessura indeterminada. Arenito ferruginoso mal consolidado do Plio-pleistocénico, constituído por areia alaranjada média a grosseira, mal calibrada e compacta, com 17,7% de finos, 1,2% de matéria orgânica e 0% de Ca CO_3 .

Estruturas

Na base da C.3 identificaram-se diversas fossas que, na sua maioria, correspondiam claramente a estruturas de rejeição, onde se conservaram conchas de amêijoia (*Venerupis decussata*), navalha (*Solen marginatus*) e ostra e, mais raramente, restos de peixes (Fig.3). O estado de conservação das conchas dos moluscos é, em geral, medíocre, facto que só por si revela o carácter residual desses vestígios.

Na base da C.4, identificou-se uma estrutura de combustão, plana, muito mal conservada, definida por termoclastos fracturados *in situ*, junto da qual foi encontrado um corniforme. Na mesma camada, no limite oriental

do povoado (Sector 60) registou-se uma verdadeira concentração de seis fossas de combustão (Fig.4), de plantas subcirculares ou ovaladas, cujo diâmetro máximo era de 1,30m. Estas fossas de combustão encontravam-se repletas de fragmentos cerâmicos "recozidos". A acção do fogo foi intensa e no topo do enchimento de algumas observaram-se manchas carbonosas resultantes da acumulação de cinzas. No seu conjunto, encontravam-se rodeadas por extensa entulheira de cerâmica, rica em corniformes. Uma destas peças surgiu na base de uma fossa de combustão, o que reforça a hipótese de, a par do seu significado simbólico, serem utilizadas como suportes de lareira. Nos sectores escavados mais a ocidente (Sectores 49 e 54) identificaram-se numerosos fornos de cozer cerâmica, associados às respectivas entulheiras (Fig.5). São estes fornos que conferem ao sítio da Ponta da Passadeira uma acentuada singularidade. Em geral, apresentam planta subcircular, cujo diâmetro máximo varia entre 1,30m e 0,90m, e são dotados de uma espessa infra-estrutura argilosa que mergulha em fossa grosseiramente simétrica, aberta na C. 5. A espessura e a natureza do embasamento asseguravam a concentração e a conservação do calor. Sobre esta base encontravam-se esboçadas uma câmara de combustão e abóbada. Esta deveria ser frequentemente refeita. O estudo sedimentológico de amostras recolhidas nos fornos, realizado por Alexandra Amorim, apoia o que ficou dito. Em alguns fornos foi possível recuperar a câmara de combustão, quando a mesma sofreu reutilização como depósito de lixos.

Materiais

Os ecofactos conservaram-se mal, devido à lixiviação intensa das areias. Encontraram-se ossos de mamíferos domésticos (ovicaprinos) e selvagens, peças esqueléticas de peixes e conchas de moluscos marino-estuarinos (*Venerupis decussata*, *Solen marginatus*, Ostreidae n. i.).

O espólio móvel é dominado por recipientes cerâmicos (Fig.6), em geral lisos e montados segundo a técnica do rolo. Predominam as formas

derivadas da esfera, mas ocorrem também taças carenadas e troncocónicas de fundo plano. São comuns os orifícios de suspensão. Uma das raras decorações presentes consiste em impressões sobre o lado externo do bordo (“bordo denteado”) e em cordões segmentados, localizados imediatamente abaixo do bordo.

Surgiram corniformes singulares (Fig.7) em cerâmica, ostentando quase sempre pequenos estalamentos provocados por exposição ao fogo, após a cozedura. Concentravam-se no limite oriental do povoado, associados às fossas de combustão, podendo ter desempenhado a função de suporte de recipientes sobre o fogo. De notar a ausência de corniformes nas entulheiras que envolviam os fornos.

A indústria lítica é francamente escassa e está representada por raros utensílios de corte, em sílex (lascas, lamelas, lâminas), raros instrumentos em pedra polida e diversos elementos de mós manuais.

Os artefactos até agora exumados na Ponta da Passadeira formam um conjunto homogéneo que revela algumas afinidades com contextos considerados do Neolítico final da Estremadura, datados da segunda metade do IV - inícios do III milénio cal BC, como a C.4 de Leceia (Cardoso, Soares e Tavares da Silva, 1996) e o Alto de S. Francisco (Tavares da Silva e Soares, 1986) e fortes semelhanças com o povoado ribeirinho do Possanco, datado entre finais do IV e primeira metade do III milénio cal BC. As datações da Ponta da Passadeira, como veremos, apontam para um óptimo de ocupação centrado no primeiro quartel do III milénio cal BC. Tanto a Ponta da Passadeira, como o sítio do Possanco parecem documentar o prolongamento de um modo de vida neolítico por tempos calcolíticos.

Cronologia e Periodização

Dispomos actualmente de oito datas para a ocupação da Pré-história recente da Ponta da Passadeira; uma obtida a partir de amostra de osso humano e as restantes, a partir de conchas de *Venerupis decussata*. As Cs. 3 e 4 forneceram datas estatisticamente idênticas, o que parece apoiar a ideia de uma rápida

formação dos depósitos arqueológicos. Após correcção para o efeito de reservatório oceânico obtiveram-se valores que variam entre 4370 ± 80 BP (Beta-126095) e 4170 ± 80 BP (Beta-126093) a que corresponde, para um grau de confiança de 2 sigma, um intervalo de 3333 – 2492 cal BC.

Estes resultados assemelham-se aos obtidos para os sítios ribeirinhos de:

- Possanco (Comporta), na margem sul do estuário do Sado: 4270 ± 50 BP (CSIC-653); 3011 – 2699 cal BC, a 2 sigma;
- Montes de Baixo (paleoestuário da Rib^a. de Seixe): 4170 ± 60 BP (ICEN-716); 2900 – 2507 cal BC, a 2 sigma.

As datas da Ponta da Passadeira são, por outro lado, semelhantes a outras obtidas para ocupações do Calcolítico inicial da Estremadura, dotadas de economias agro-pecuárias :

- C.3 de Olelas: 4400 ± 45 BP (ICEN-879) e 4360 ± 60 BP (ICEN-939);
- Alto do Dafundo: 4300 ± 60 BP (ICEN-466);
- C.3 de Leceia: 4370 ± 60 BP (ICEN-674);
- fase III 2 a do Zambujal: 4200 ± 40 BP (GrN-7009).

Se, no que respeita à cronologia, existe na Ponta da Passadeira uma ocupação humana contemporânea do Calcolítico inicial da Estremadura, em termos económico-sociais, no que concerne à estratégia de povoamento e à cultura material, aquele povoado afasta-se dos contextos calcolíticos característicos dessa mesma região:

- Na Ponta da Passadeira, a agricultura e a criação de gado deverão ter sido praticadas como complemento de uma economia marítima, assente, em grande parte, na pesca, recollecção de marisco e, provavelmente, na extracção de sal. Por agora, designamos esta modalidade de subsistência como economia agro-marítima;
- O povoado não possui condições naturais ou artificiais de defesa; não se salienta na paisagem; não possui estruturas reveladoras de competição e diferenciação social;
- Os enterramentos podem ter sido, por hipótese, realizados em fossas, nas imediações do povoado (presença de calcâneo humano na massa argilosa de um dos fornos);

- A cultura material é francamente desequilibrada a favor da cerâmica, revelando uma anormal raridade de indústria lítica; a cerâmica apresenta índices de decoração muito abaixo dos obtidos para o Calcolítico da Estremadura (10,6% no Calcolítico inicial e 29% no Calcolítico pleno de Leceia), aproximando-se dos valores observados no Neolítico final da mesma região e no Calcolítico do Sudoeste (Tavares da Silva *et al.*, 1994).

As escavações arqueológicas na Ponta da Passadeira vieram, pois, evidenciar uma realidade completamente nova na área de distribuição do Calcolítico da Estremadura portuguesa; abriram caminho para a valorização de habitats que têm vindo a ser identificados na orla costeira do sudoeste de Portugal, como Montes de Baixo (Odeceixe) e Forte Novo (Quarteira); fornecem os fundamentos para um novo quadro teórico necessário à reinterpretação de sítios que, como o Possanco, têm permanecido como situações isoladas e até anómalas no registo arqueológico. Subjacentes a esta reflexão, que apenas se inicia, colocam-se, basicamente, duas questões: estaremos no caminho da identificação da uma divisão socio-territorial do trabalho no centro e sul de Portugal, quiçá estritamente vinculada à formação de distintos grupos étnicos? Ou, pelo contrário, o sítio da Ponta da Passadeira bem como outros habitats ribeirinhos coevos corresponderiam a acampamentos economicamente especializados, na órbita de sítios mais estáveis, de economia agro-pecuária?

A Ponta da Passadeira e as Economias Costeiras do Sudoeste Peninsular

Na Ponta da Passadeira, graças à conservação parcial da fauna, foi possível constatar a prática de uma economia agro-marítima. Embora o estudo da fauna mamalógica ainda esteja em curso, o consumo local de mamíferos, quer selvagens, quer domésticos, parece ter sido relativamente reduzido. Pelo contrário, os restos malacológicos são abundantes em três das formas mais comuns em meios estuarinos: amêijoia, navalha e ostra; presentes restos de fauna ictiológica.

O sítio de Montes de Baixo, na margem norte do paleoestuário da Ribeira de Seixe (Odemira) ilustra, igualmente, uma situação de economia costeira, mas revela uma especialização mais acentuada que a da Ponta da Passadeira no que concerne à componente faunística: os alimentos de origem animal consumidos naquele estabelecimento foram somente invertebrados marino-estuarinos (Tavares da Silva e Soares, 1997). Esta dieta contrasta claramente com a que terá sido comum em sítios de economia agro-pecuária como o Zambujal (Driesch e Boessneck, 1976) ou mesmo a Rotura, onde os frutos do mar desempenharam um papel não negligenciável.

Se o tipo de implantação geográfica, a economia e a cultura material da Ponta da Passadeira encontram paralelos nos povoados de Montes de Baixo e Possanco (Comporta III) (Tavares da Silva *et al.*, 1986), o extraordinário desenvolvimento da olaria constitui um facto de grande singularidade. Qual terá sido a finalidade de tão maciva produção cerâmica? Esta questão levou-nos até ao habitat de La Marismilla, localizado na antiga desembocadura do Guadalquivir. Este sítio possui uma implantação semelhante à da Ponta da Passadeira e também aí a cerâmica é muito numerosa, constituindo entulheiras que se distribuem em torno de lareiras em fossa. J. Escacena e colaboradores (1996), confrontados com a abundância de cerâmica em La Marismilla, optaram por defender um modelo explicativo centrado na exploração de sal e suportado, essencialmente, pelo registo etnográfico. Assim, a Marismilla ter-se-ia comportado como um estabelecimento sazonal, de uma população de economia ganadeira (gado bovino), que aí se dedicava à exploração de sal através do aquecimento artificial das águas estuarinas. Este método de obtenção de sal determinava o consumo de grandes quantidades de vasos cerâmicos: após a evaporação da água salgada, a remoção do depósito de sais exigia a fragmentação dos recipientes.

À semelhança do que se observa na Ponta da Passadeira, o repertório cerâmico é muito estandardizado e a indústria lítica, escassa. Na Marismilla, surgiram também peças de cerâmica maciças, em tronco de cone, que se assemelham aos corniformes singulares da Ponta da Passadeira e do Possanco. Essas peças, "morillos", foram interpretadas como suportes destinados a colocar

os recipientes sobre o fogo. Esta hipotética funcionalidade é reforçada pela informação da Ponta da Passadeira; porém, o seu uso como suportes de lareira ou pés de fogareiro não invalida a possibilidade de transportarem uma carga simbólica relacionada com o culto do touro.

Recentemente, foi encontrado, na Praia da Quarteira (Forte Novo)³, um habitat que oferece evidentes similitudes com os contextos litorais antes referidos, quer pela sua localização, directamente sobre a praia, na margem de paleoestuário, quer pela tipologia e elevada densidade de cerâmica e rara indústria lítica, quer ainda pelas estruturas de combustão em fossa.

Concluindo, importa sublinhar que para lá das especificidades que o sítio da Ponta da Passadeira oferece, nomeadamente no domínio da produção cerâmica, e que fazem deste povoado um estimulante estudo de caso, ele veio trazer novo fôlego à ideia de um povoamento costeiro e anfíbio, estendido em fita ao longo do SW peninsular, com características próprias, talvez com pecuária. A uma escala mais ampla, a Ponta da Passadeira traz significativos argumentos para relançar o debate sobre as formações sociais calcolíticas.

Bibliografia

ABRUNHOSA, M. J. ; GONÇALVES, A. A. H. B. e CRUZ, D. J. , 1995, Ocorrência de rochas vitrificadas no dólmen do Picoto do Vasco (Vila Nova de Paiva, Viseu). *Estudos Pré-históricos*, vol. III: 167-185.

AMIN, S., 1973, *El desarrollo desigual. Ensayo sobre las formaciones sociales del capitalismo periférico*. Ed. Planeta, Barcelona.

BALIBAR, E., 1988, Acerca de los conceptos fundamentales del materialismo histórico. *Para leer el Capital*. Ed. S. XXI, Madrid, pp. 217-335.

CÂMARA SERRANO, J. A., 2000, Bases teóricas para el estudio del ritual funerario utilizado durante la prehistoria reciente en el sur de la península ibérica. *Saguntum*, 32: 97-114.

³ Sítio arqueológico intervenido por Leonor Rocha, a quem agradecemos as informações disponibilizadas. Depósito de materiais no Museu de Loulé.

CARDOSO, J. L.; SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C., 1996, A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 6: 47-89.

Von den DRIESCH, A. e BOESSNECK, J., 1976, Die Fauna vom Castro do Zambujal. *Studien über frühe Tierknochenfunde von der Iberischen Halbinsel*, 5, Univ. München, pp. 4-129.

ESCACENA MONTESINO, J. L.; ZULOAGA MONTESINO, M. R. e GUEVARA SÁNCHEZ, I. L., 1996, *Guadalquivir salobre. Elaboración prehistórica de sal marina en las antiguas bocas del río*. Confederación Hidrográfica del Guadalquivir, Sevilla.

GCÍES, M. V., 1991, Corniformes e figuras associadas de dois santuários pestres do Sul de Portugal. Cronologia e interpretação. *Almansor*, 9: 17-74.

RAPOSO, L. e CARDOSO, J. L., 1998, *O sítio do Paleolítico médio da Conceição. Alcochete*. Centro de Estudos e Monitorização Ambiental/Lusoponte, Montijo.

SCHÜTZ, I., 1992, Sistemas tradicionais de cocção cerâmica en el Norte de África. *Tecnología de la cocción cerámica desde la Antigüedad a nuestros días*. Asociación de Ceramología, Alicante, pp. 155-169.

SHERRATT, A. G., 1983, The secondary exploitation of animals in the Old World. *World Archaeology*, 15: 90-104.

SOARES, A. M., 1993, The ^{14}C content of marine shells: evidence for variability in coastal upwelling of Portugal during the Holocene. *International Symposium on Applications of Isotope Techniques in Studying Past and Current Environmental Changes in the Hydrosphere and the Atmosphere*, IAEA, Vienna, pp: 471-485.

SOARES, A. M. e CABRAL, J. M. P., 1993, Cronologia absoluta para o Calcolítico da Estremadura e do Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol.33 (3-4): 217-235.

SOARES, J., 1996, *Barreiro pré-histórico. Ponta da Passadeira*. Câmara Municipal do Barreiro e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, Barreiro.

SOARES, J., 1998, Escavações arqueológicas em Setúbal. *Al-madan*, 2^aS.,

nº7: 8.

SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C., 1980, O Neolítico da Comporta. *In Descobertas Arqueológicas no Sul de Portugal*, Setúbal, Centro de História das Universidades de Lisboa e Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, pp. 13-17.

SOARES, J. e TAVARES DA SILVA, C., 1998, From the collapse of the Chalcolithic mode of production to the development of the Bronze Age societies in the south-west of Iberian peninsula. *Existe uma Idade do Bronze Atlântico?* (Trabalhos de Arqueologia, 10), IPA, Lisboa, pp. 231-245.

STUIVER, M. e PEARSON, G. W., 1993, High-precision bidecadal calibration of the radiocarbon time scale, AD 1950-500 BC and 2500-6000 BC. *Radiocarbon* 35(1): 1-23.

TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., 1986, *Arqueologia da Arrábida*, Ed. S.N.P.R.C.N, Lisboa.

TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., 1997, Economias costeiras na Pré-história do Sudoeste Português. O concheiro de Montes de Baixo. *Setúbal Arqueológica*, 11-12: 69-108.

TAVARES DA SILVA, C. e SOARES, J., 1998, Os recursos marinhos nas estratégias de subsistência da Pré-história do Sul de Portugal. *Al-madan*, 2ªS., nº7: 71-82.

TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. e CARDOSO, J. L, 1995, Os povoados fortificados do Monte da Tumba e de Leceia. Elementos para um estudo comparado. *Origens, estruturas e relações das culturas calcolíticas da Península Ibérica (Lisboa 1994)* (Trabalhos de Arqueologia, 7), pp. 159-168.

TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J.; CARDOSO, J. L. ; CRUZ, C. Souto e REIS, C. A. Sousa, 1986, Neolítico da Comporta: aspectos cronológicos (datas 14C) e paleoambientais. *Arqueologia*, 14: 59-82.

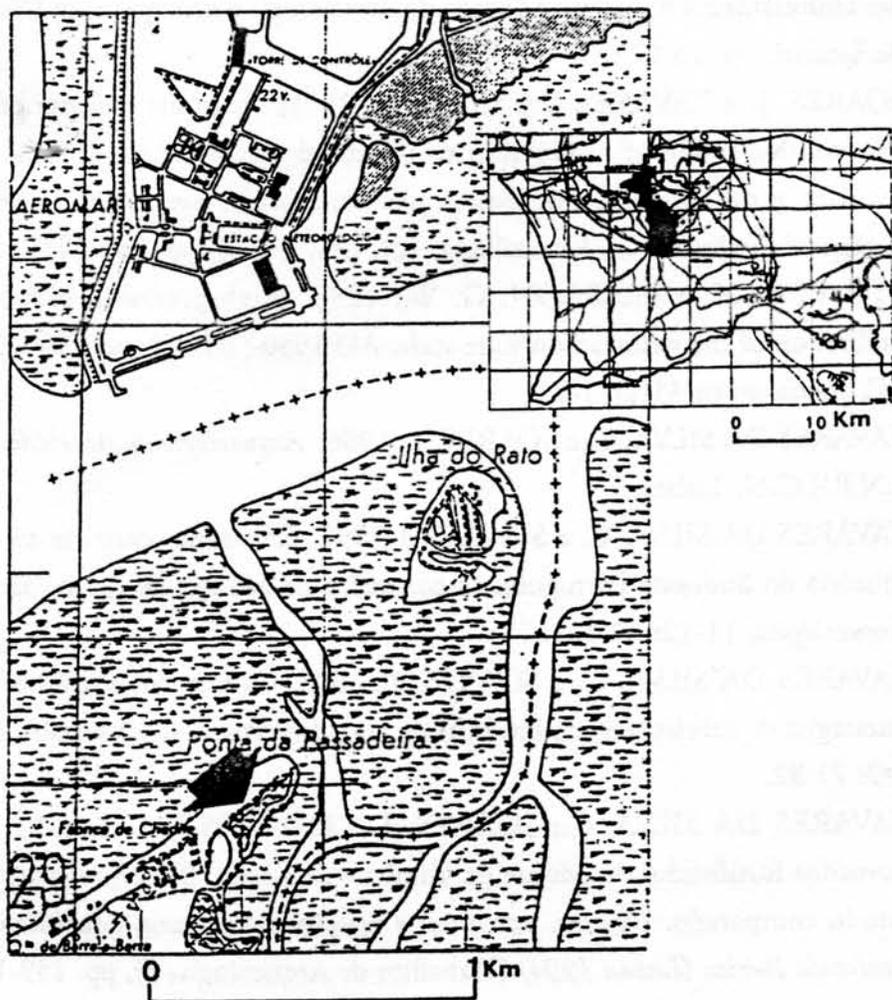


Fig. 1 - Mapas com a localização da Ponta da Passadeira (concelho do Barreiro) na esc. 1/1 000 000 e 1/25 000.

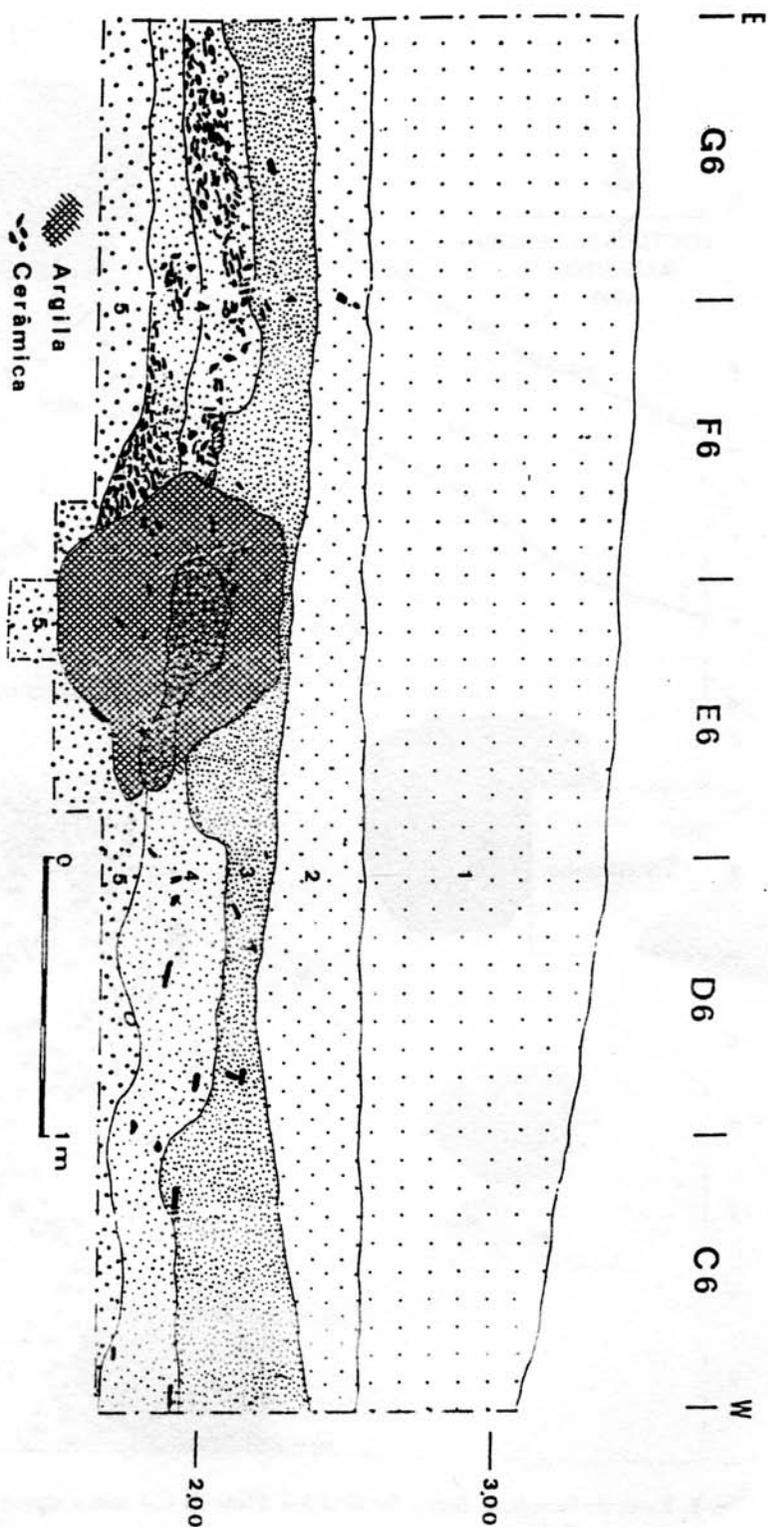


Fig. 2 - Ponta da Passadeira. Perfil estratigráfico. Sector 54; Os. C6 a G6.

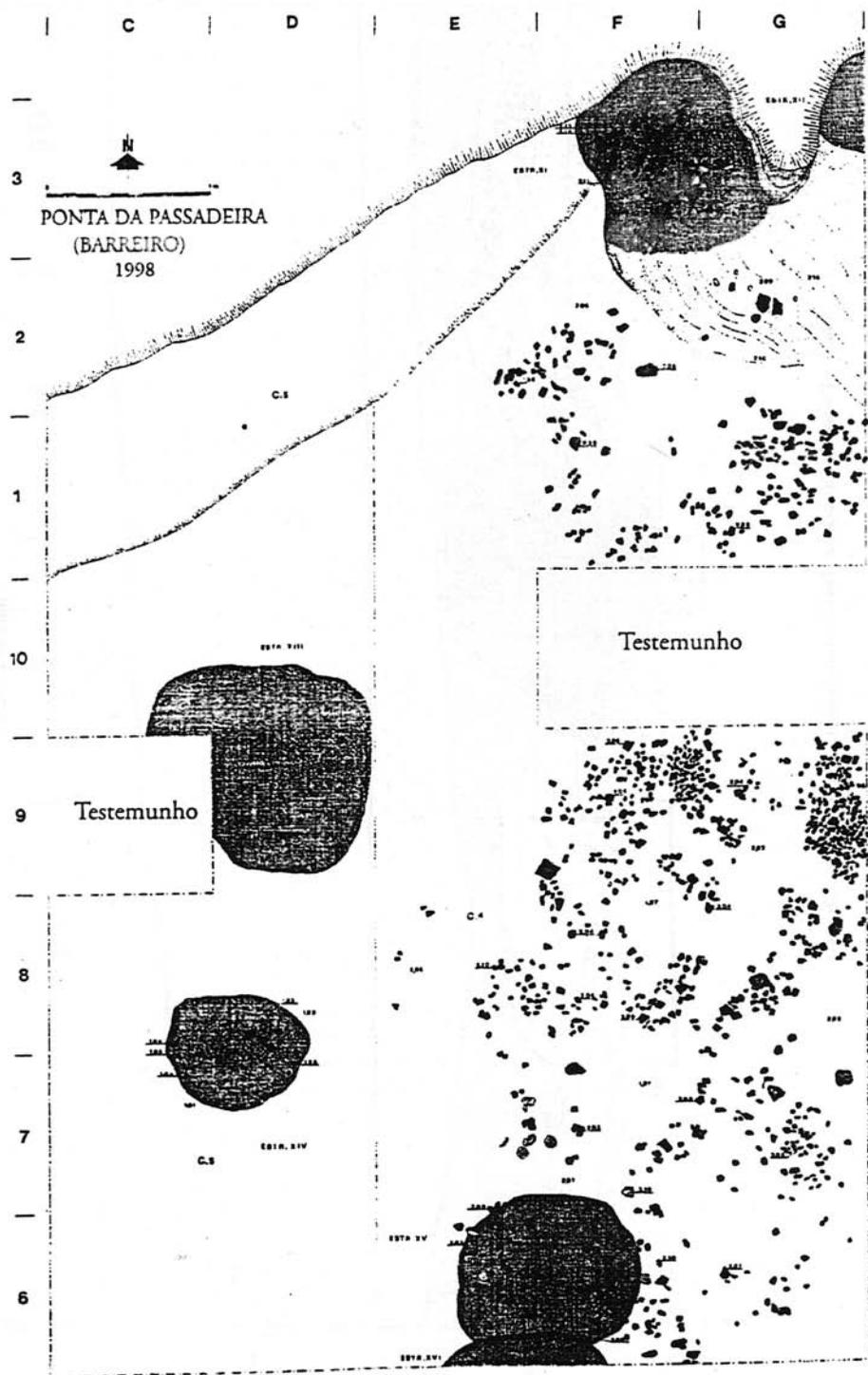


Fig. 3- Ponta da Passadeira. Sector 54: C-G/3-6. Plano da C.4 com a representação dos fornos e respectivas entulheiras.

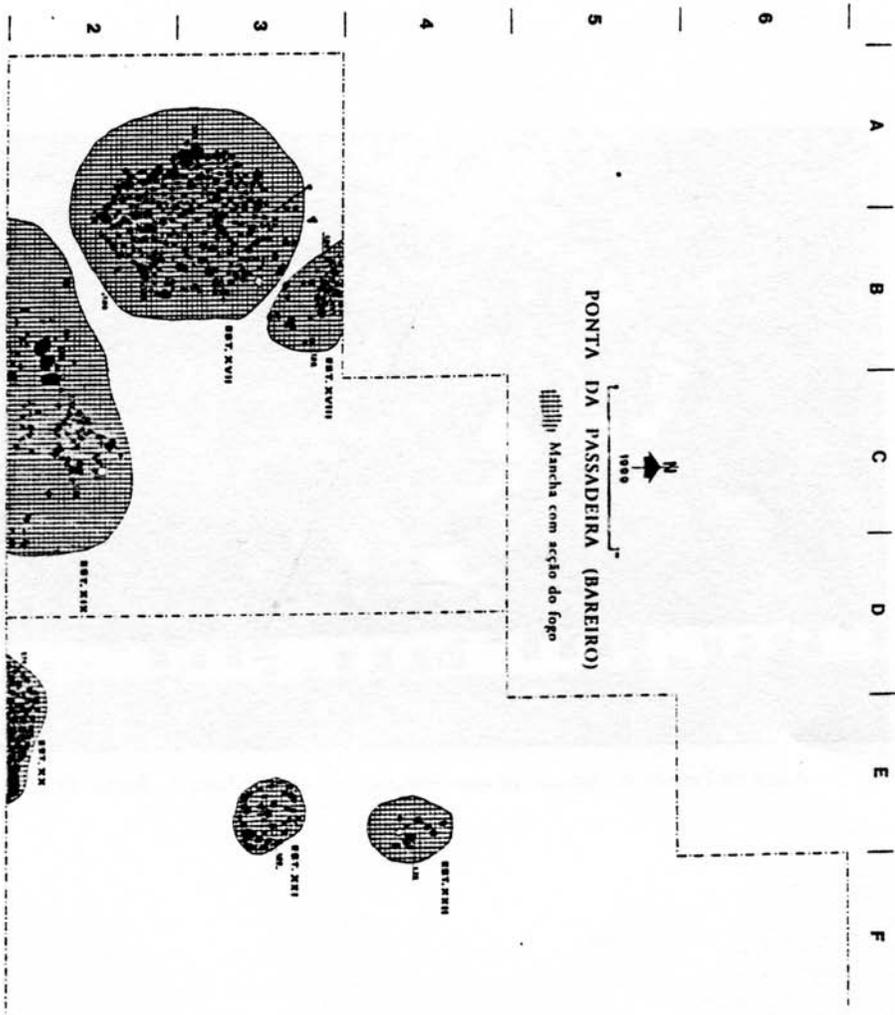


Fig.4 - Ponta da Passadeira. Sector 60; QS. A-B/2-3, C-D/2-4, E/2-5, F/2-6. Plano do topo da C.5 com a representação das estruturas de combustão em fossa.



Fig. 5 - Ponta da Passadeira. Aspecto de uma estrutura de rejeição (estr- I). Sector 49. C.3.

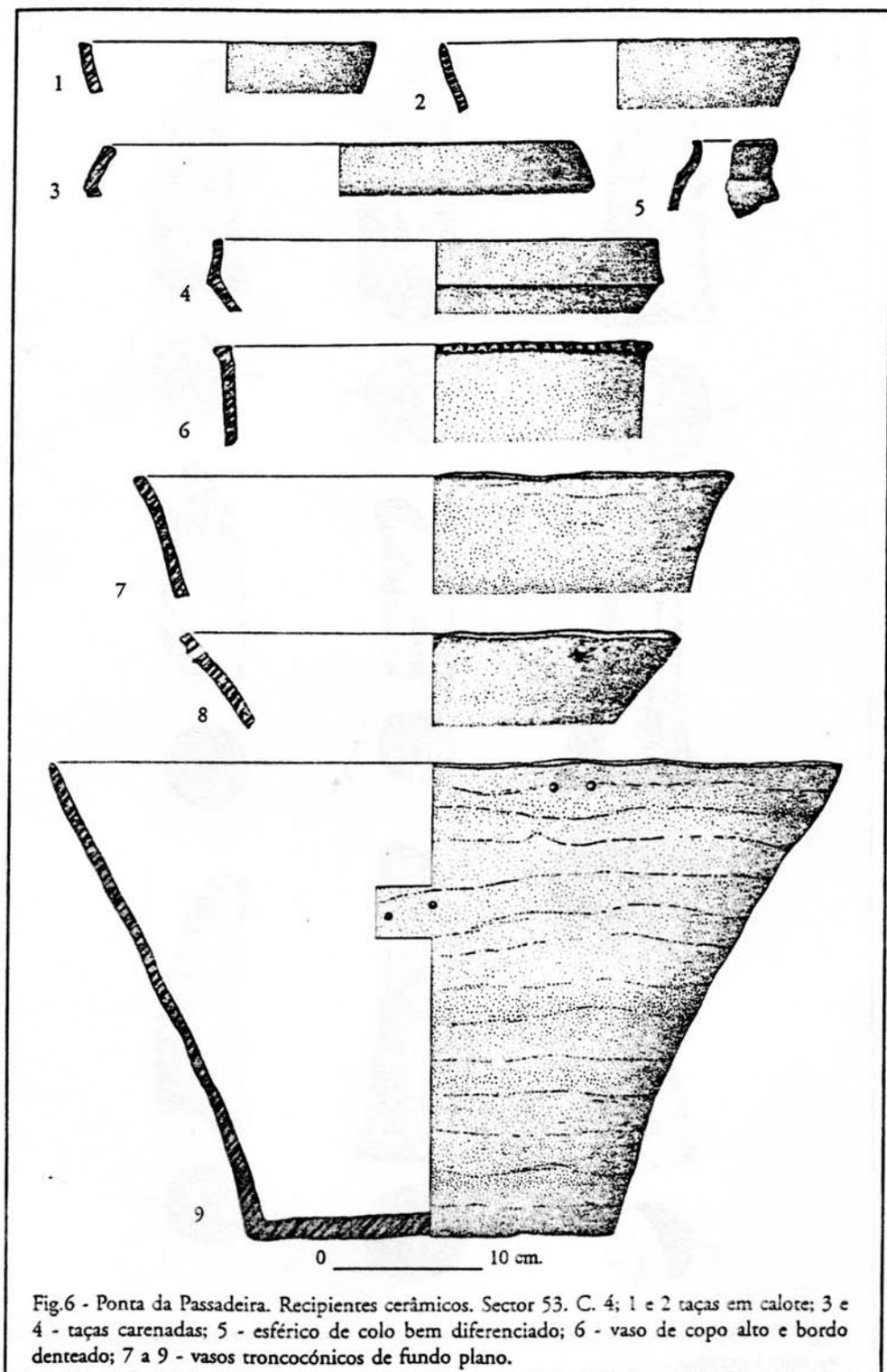


Fig.6 - Ponta da Passadeira. Recipientes cerâmicos. Sector 53. C. 4; 1 e 2 taças em calote; 3 e 4 - taças carenadas; 5 - esférico de colo bem diferenciado; 6 - vaso de copo alto e bordo denteado; 7 a 9 - vasos troncocónicos de fundo plano.

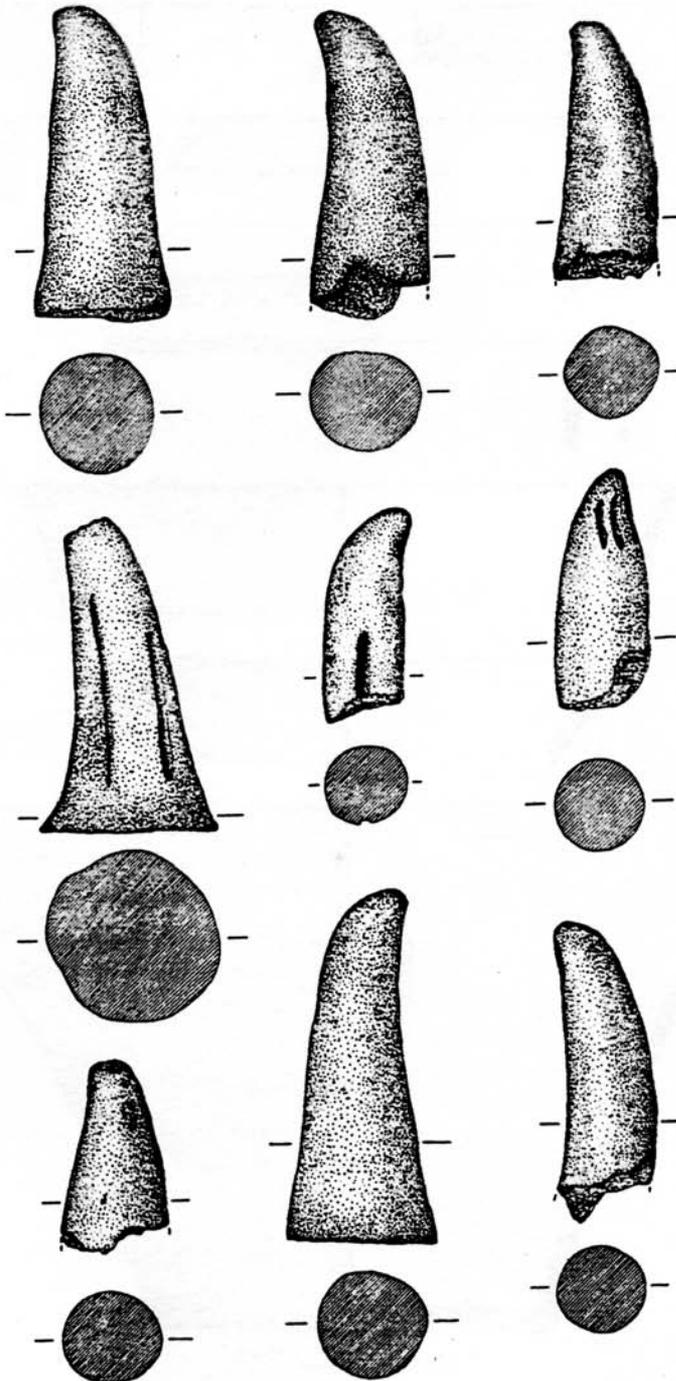


Fig. 7 - Ponta da Passadeira. Corniformes provenientes de recolhas de superfície (especialmente na zona interdita).